

PROFESSORA RAIMUNDA DA SILVA CARDOSO

Prof. João de Souza

Introdução



Raimunda Cardoso da Silva

Os membros da Ordem “Memória Viva Pó-Ceréu” ainda em 2011 propuseram o nome da professora Raimunda da Silva Cardoso, a Mundica, como nós a conhecemos, para receber a honrosa medalha da Ordem.



Coube a mim escrever a biografia da homenageada.

Escrever a biografia dos nossos homenageados é um exercício de buscas que vão constituindo a história do Município de Poxoréu.

O homenageado é apenas um elo de uma corrente humana mais ou menos ampla que vai se constituir em uma parte da história primitiva da ocupação e do desenvolvimento do território poxorense.

É claro que o trabalho não se esgota aí. Bom seria que um trabalho minucioso de pesquisa levantasse o nome de todas as pessoas que fazem parte da família do homenageado e os



Raimunda, Nizan, Eliram do Vale, Vera Lúcia Menezes, Dalva Nascimento, Adjair Morbeck.

entrelaçamentos com outras famílias, bem como a contribuição das suas ações e vivências na construção da história do município.



Mundica e Eliram do Vale

A nossa homenageada considera-se uma cidadã privilegiada, pelo fato de ter tido duas mães e dois pais, biológicos e adotivos.

Nasceu no dia 14 de junho de 1939, no município de Barro Vermelho, hoje Ibipitanga, Chapada Diamantina, Estado da Bahia.

A MÃE ADOTIVA



D. Raimunda Maria da Silva

Dona Raimunda Maria da Silva, conhecida como Mundica do Rafael, nasceu no Riachão, Estado do Maranhão, em 1891. Do seu pai sabe-se pouco, apenas que era Libanês talvez mascate. Sua mãe era Vitalina Maria da Silva, natural do Maranhão. Ainda no Riachão casou-se pela segunda vez, desta com o senhor Antonio Augusto, cartorário, em Imperatriz do Maranhão. Para aquela cidade foi Raimunda morar com o marido

Ali a vida para o casal, certamente não se lhe apresentou promissora. De comum acordo Raimunda e Antonio partiram para Marabá, estado do Pará com o propósito de se embrenharem nos seringais daquele estado e extraírem borracha.

Mas Antônio Augusto se tornou tabelião e ali permanecer por alguns anos.

Fazendo uma reflexão sobre a sua vida ali, o casal Raimunda e Antonio percebeu que não era o lugar ideal para eles envelhecerem.

As crises da borracha que estava rondando os seringais, as doenças muitas vezes fulminantes fizeram com que o casal tomasse o propósito de buscarem outras plagas.

Araguaiana, à margem matogrosse do rio Araguaia, foi seu porto seguro.

Ali chegando tomaram conhecimento da abundância de diamantes catados no garimpo de São Pedro na região chamada Poxoréu.

Tomaram aquela direção. A data da chegada a São Pedro não é tão precisa, mas dona Raimunda vivenciou o alvoroço provocado à população São-pedrense por ocasião do massacre dos maranhenses. Ora o massacre aconteceu no dia 22 de dezembro de 1927.

O casal trouxera para São Pedro algum dinheiro. Antonio Augusto percebendo que o transporte de produtos para os garimpeiros era precário decidiu comprar uma tropa de burros e iniciar suas andanças tropeiras, transportando produtos, os mais variados, de Cuiabá a São Pedro e implantar também um comércio naquela vila garimpeira.

O caminho era: São Pedro- Lagoa em Poxoréu – Jaraguá – Lagoa Formosa, chapada dos Guimarães- Cuiabá.

Antonio Augusto por pouco tempo exerceu seu ofício de tropeiro, logo faleceu. Dona Raimunda que não era muito conhecida e não tendo parentes ou amigos de confiança, preferiu vender a tropa, guardar uma parte do dinheiro debaixo do colchão, outra parte emprestar pra um amigo maranhense de confiança e iniciar “um café” e continuar com o comércio.

A AMIGA LIBANEZA

Quando esteve no Pará, dona Raimunda conheceu uma senhora também filha natural de libanês e da região de Andaraí, Bahia. Aquela senhora trabalhava no seringal e tinha duas filhas. Entre Raimunda e aquela senhora que como ela era filha natural de libanês cresceu uma grande, sincera e duradoura amizade. O destino, no entanto, bruscamente interrompeu aquela amizade. A sua amiga foi acometida por uma doença incurável e fulminante. Ao se certificar que sua vida estava por um fio, sua amiga apelou para as amigas a fim de que na sua falta elas cuidassem de suas duas filhas. A que se chamava Genésia, Dona Raimunda a acolheu em sua casa e a adotou como filha, embora não a tenha registrado. Quando dona Raimunda aportou em São Pedro, trazia a Genésia.

O PAI ADOTIVO



Rafael Vieira Cellus

Rafael Vieira Cellus era natural de Andaraí, estado da Bahia, e mesmo vivendo em uma região garimpeira não tinha vocação para cavoucar a terra em busca do diamante.

Preferiu a profissão de barbeiro. Quando ouviu as notícias da descoberta de diamantes, no córrego São Pedro, localizado em terras que a partir de 1938 se tornariam território do município de Poxoréu, para cá veio, a pé, solteiro, trazendo sua tralha de barbeiro.

A São Pedro chegou em 1925, ali num barraco de palha, montou o seu salão para cortar os cabelos da garimpeirada.

OS PAIS BIOLÓGICOS

O pai biológico de Raimunda Cardoso era o senhor Félix José Cardoso. Nascido na Chapada Diamantina, Bahia, na região de Andaraí, Lençóis, não podia ter exercido outra profissão que não fosse a cata de diamantes.



Antonio Cândido da Silva e Félix José Cardoso

Ainda jovem embrenhou-se na região garimpeira e foi em busca da pedra preciosa.

Obtendo notícias das descobertas de diamantes, em abundância, por João Ayrenas Teixeira e seus seis companheiros no córrego São Pedro,



Genésia da Silva Cardoso

na região de Poxoréu, Félix José não titubeou, partiu imediatamente para as novas descobertas. A data da sua vinda para São Pedro, não pode ser possível precisa, ma é próxima de 1930, pois quando ali chegou, o incêndio já havia acontecido na corrutela de São Pedro. Félix José conheceu Rafael Vieira Cellus que já vivia com Dona Raimunda e tocava o seu comércio. Rafael e Félix José logo se tornaram grandes amigos. Rafael convidou Félix para trabalhar com ele em sua fazenda. Félix tornou-se capataz e muito colaborou com Rafael, na administração dos garimpos e fazendas.

A mãe biológica de Raimunda da Silva Cardoso era Genésia da Silva Cardoso, filha adotiva de Raimunda Maria da Silva, que mais tarde vai se tornar também mãe adotiva de Mundica. Genésia era neta de libanês. Quando dona Raimunda veio para São Pedro, vindo do Pará trouxe Genésia. Por volta de 1934 Félix José se interessou pela filha adotiva de Raimunda e Rafael e com ela se casou.

O destino dá muitas voltas. Raimunda conta: "Eu devia ter nascido na Vila Garimpeira de São Pedro ou no Alcantilado, mas fui nascer na Bahia. Meu pai Félix José achou por bem voltar à Bahia para apresentar sua esposa aos seus familiares. Chegando ao seu lugarejo natal percebeu as dificuldades em que toda a sua família vivia. Resolveu pois incentivá-la a se mudar para Mato Grosso. A preparação e a vinda foram imediatas.

Enquanto se preparava para a viagem a Mato Grosso, veio o primeiro filho do casal Félix José e Genésia: Manoel Messias Cardoso (1935). A viagem ficou um pouco desmotivada e veio o segundo filho: Floripes Cardoso da Silva (1937). Somente em 1939 ficou definida a partida da família. Para a família de Félix e Genésia, um fato importante viria impedir a partida marcada para o dia 14 de junho de 1939, o dia em que eu nasci. "É claro que minha família não partiu, naquele dia, com aquela leva de migrantes baianos, que havia muito tempo sonhava com a viagem longa para Mato Grosso".

A ADOÇÃO DA RAIMUNDA

Ela mesma conta: "Eu havia acabado de nasce e por isso não podemos viajar com as famílias que já estavam determinadas a viajarem para Mato Grosso, pois eu nascera no dia marcado para partir. Minha mãe Genésia foi acometida de depressão pós-parto. Assim mesmo, poucos dias depois do parto partimos. Eu com poucos dias de nascida, minha mãe deprimida, fragilizada.

Ao chegarmos a São Pedro a situação piorou e meu pai se sentiu impotente para cuidar de minha mãe, que necessitava de cuidados especiais e presença constante de alguém ao seu lado. Cuidar dos e trabalhar

Meu pai apelou para Rafael e Dona Raimunda, os amigos e pediu lhes que cuidassem dos pequenos: Manoel Messias com quatro anos e eu com três meses. Meu pai preferiu ficar com Floripes e cuidar de minha mãe.

Minha mãe passou algum tempo deprimida, mas se recuperou e teve uma vida normal, cuidando da casa e tendo mais filhos no Alcantilado: Graciene Cardoso Pereira, Rafael da Silva Cardoso, Hélio da Silva Cardoso, Adi da Silva Cardoso, Ivete da Silva Cardoso. O Messias e eu, no entanto, não retornamos à casa de nossos pais biológicos, tornamo-nos filhos

adotivos de Rafael e Mundica, embora não tenhamos sido registrados em seus nomes. Fomos morar na fazenda do Alcantilado.

RAFAEL E MUNDICA

Em outubro de 1927 um incêndio terrível, desastroso e desesperador aconteceu numa boca de noite daquele mês.

O incêndio teve início devorador. Em pouco tempo se alastrou em altas e amedrontadoras labaredas. Em poucos minutos a quase totalidade dos barracos residenciais, comerciais e de lazer foram devorados.

O barraco de Rafael, os apetrechos necessários ao seu ofício foram tragados e transformados em cinza e carvão.

Apenas um arruamento foi poupado pelas chamas. Segundo informações dos flagelados, por força das orações de Manoel da Luzia que era benzedor.

Na rua imune às chamas, estava plantado o barraco de Dona Raimunda.

Rafael que ficara de cara para cima, sem saber o que fazer não se sabe se pela força do destino ou por escolha própria ou por convite, foi pernoitar no barraco de dona Raimunda.

É claro que o incêndio transtornou a vida de todos aqueles que foram atingidos. Muitos que não tendo muito a perder, pois já tinha perdido, esperaram apenas surgiu o dia para se irem embora. Muitos vieram para Poxoréu, onde o diamante fora descoberto em julho de 1926, por Maroto Sodré e seus companheiros.

Aquela noite praticamente sem dormir, para Rafael foi multiplicada por todas as noites vividas pelo resto de sua vida. Não foi contado se Raimunda e Rafael tivessem se olhado com segundas intenções, antes do incêndio, o certo é que os dois separaram-se apenas com a morte. Juntaram-se. Como Dona Raimunda tivesse algum dinheiro formou com Rafael uma sociedade. Ele entrou com a sua honestidade, bom caráter, sua capacidade de trabalho e como comerciante Rafael soube aproveitar o relacionamento que Antônio Augusto havia construído com os comerciantes de Cuiabá, de maneira especial os turcos de Cuiabá e São Pedro.

Conheceu Luís Coelho de Campos, o Coronel Luisinho, ainda em São Pedro e com ele aprendeu a arte de fazer política.

Em 1930 Mundica e Rafael compraram de Joaquim Torres as terras do Alcantilado e implantaram uma fazenda, onde produziu muito gado e cataram muito diamante. Alcantilado já era uma grande vila. Possuía até um campo de avião "Teco-Teco". Teve até 200 homens garimpando como meias praças, de picuá preso. Rafael e Raimunda tornaram-se fazendeiros e proprietários de terras de garimpo, de onde foram catados grandes partidas de diamante. Ainda residindo no Alcantilado iniciaram a construção de uma grande casa em Poxoréu, na esquina da Rua Mato Grosso com a Ceará, em frente a Praça de Liberdade. Em 1941 mudaram-se para Poxoréu. Na casa construída instalaram uma loja de tecido e ao lado um armazém: a Casa Primeiro Ponto.

O CASAMENTO

Terminei o curso ginasial em Cuiabá e retornei a Poxoréu. Em 1958, aos 19 anos casei-me com Ataíde Serra, que era gerente do Banco da Lavoura, em Poxoréu

Por motivos que não importam no momento, logo após o casamento o meu marido foi demitido e tivemos que nos mudar para Cuiabá.

Como as nossas economias eram parcas, meu pai construiu uma casa e nos montou uma loja.

Mas o casamento não vingou. Oito meses depois estávamos separados. Avisei aos meus pais e pedi-lhes que fossem me buscar. Retornei a Poxoréu e naturalmente fui morar na casa de Rafael e Mundica.

A sociedade poxoresnse era preconceituosa e excludente. Não aceita que mulheres separadas dos maridos freqüentassem os



Mundica, no dia do seu casamento, diante da Imagem de Nossa Senhora.

locais e os eventos sociais da elite. Por isso, recebi uma

carta da diretoria do Diamante Clube Sociedade Recreativa, comunicando-me que eu estava excluída do quadro social daquela sociedade e portanto proibida de freqüentar quaisquer eventos realizados pela mesma.

Em função daquela decisão, minha mãe resolveu que eu iria para a cidade de Uberlândia, continuar os

meus estudos.

Se a mudança para Uberlândia em princípio pareceu um castigo, transformou-se em uma oportunidade de continuar os meus estudos e de me profissionalizar.

VIDA SOCIAL

Não existia cinema; de vez em quando vinha um circo ou um parque.

Os bailes eram realizados nas casas das famílias; havia a ala moça.

Havia os passeios nas bocas de noite, quando, sobretudo a juventude desfilava aglomerada, do bar do Sebastião onde é hoje a pecuarista até o bar do tedomiro onde hoje é a pinacoteca. Ficava em frente ao bilhar, na boca dos cabarés da Rua Bahia; os passeios depois mudaram para a praça da liberdade.

Os casamentos em poxoreu eram feitos com muita pompa e eram duradores, acontecia na casa da noiva.



Raimunda sendo levada por Rachid J. Mamed. Saindo de sua casa, atravessando a praça da Liberdade e se dirigindo à Matriz de São João Batista.

la-se para a igreja a pé acompanhando a noiva famosas eram os casamentos nas famílias dos Pingas, era uma semana de festas.

MOMENTOS VIOLENTOS EM POXORÉU

“A história de Poxoreu às vezes foi mesclada de ações de violentas desde as primeiras descobertas do diamante na região.

Os primeiros poxorenses tiveram que conviver com momentos violentos desde o surgimento da vila. Desde que me entendi por gente tomei conhecimento do massacre no alcantilado e a tomada do quartel da policia e a morte do tenente Telésfora e outros policiais na vila de Poxoréu, por carvalhinho e seu bando, em 1929.

Na minha vida em Poxoréu vivenciei alguns desses momentos. Alguns desses acontecimentos me marcaram muito. A morte do juiz Antonio dos Santos Lima, foi um desses episódios que me marcaram muito. Aconteceu na manhã do dia 1 de janeiro de 1951. Eu tinha 12 anos. Em minha casa o PSD se reunia e ali se discutia muito e se planejava muitas coisas. Naqueles dias algo de estranho parecia estar acontecendo.

Mas eu pouco entendia. No dia 1 de janeiro, ainda de manhã, eu entrei em casa gritando: mataram o juiz e o escrivão Frutuoso Brandão. O João Galo foi baleado. A morte do Frutuoso foi mais sentida, pois ele era um cidadão pacato. Santos Lima, dizia-se que era um político partidário e provocava os adversários. Aquele assassinato teve conotação política e foi conseqüência dos entreveros entre o PSD e a UDN.

Eu vi o Matias ser assassinado. Havia boatos de que o Matias havia deixado a barba crescer e somente a faria quando matasse o Rachid Mamed. Era rixa política. Eu com apenas 13 anos. Saí de casa para comprar um caderno na livraria que ficava na Rua Bahia ao lado da farmácia do senhor Amarildo Bento de Brito. Eram duas horas da tarde, mais ou menos. Desci a Rua Mato Grosso, Virei à esquerda, na Rua Bahia, passei pela farmácia do senhor Amarílio, que naquele momento encontrava-se fechada. Entrei na livraria comprei um caderno e saí.

Numa casa do outro lado da rua estava o senhor José, um homem bem preto, alto, dois metros de altura, ligado ao PSD. Eu o conhecia bem, pois freqüentava as reuniões do partido, lá em casa. Em seguida encontrei o Matias, senhor que eu conhecia das freqüentes visitas que fazia a minha casa e sempre proseava com meu pai.

Quando me aproximei do Matias que caminhava no sentido contrario ao meu, este me disse:

desaparece daqui imediatamente menina, vai rápido para tua casa, pois vai haver um tiroteio medonho aqui. Eu fiquei um pouco assustada e me encostei ao vão da porta fechada da farmácia. O Matias se adiantou um pouco e disse qualquer coisa ao senhor José.

A casa onde estava o senhor José ainda hoje existe e tem o piso bem abaixo do nível da rua.

O senhor José ao ouvir a voz do Matias se movimentou bem rápido. A mim pareceu-me que subiu numa cadeira e de um salto só alcançou o meio da rua com o revolver em punho.

Puxou o gatilho, mas o revolver lencou. O Matias atirou primeiro, mas o senhor José com mais algum passo já estava bem próximo do Matias e o revolver não lencou.

A bala atingiu o peito do Matias que ali mesmo tombou sem vida. O José saiu andando tranqüilamente com o revolver na mão. Tomou a direção dos curais. As desavenças amainaram um pouco, pois ninguém tomou as dores de nenhum lado. O assassino se quer foi perseguido.

FORMAÇÃO ACADÊMICA

“Eu estudei no externato são José, colégio das irmãs, até a quarta série do ensino primário. Fui aluna das irmãs: Alzira Bastos, Zoé, Benedita Figueiredo, Maria dos santos.

Ali no externato aprendi os princípios primeiros dos relacionamentos humanos e as etiquetas. Aliás, neste ano está completando 70 anos que as irmãs salesianas chegaram a Poxoréu, e vem cuidando da educação das crianças e adolescentes e evangelizando, que é a sua missão. “O Município de Poxoréu deve ser muito grato a essas abnegadas mulheres, filhas de Maria Auxiliadora”.

Cursei o ginásio no Colégio Sagrado Coração de Jesus, das Irmãs Salesianas, em Cuiabá, de 1954 a 1957. Fiz dois anos do curso de contabilidade na cidade mineira de Uberlândia, em 1962-63 e o curso de magistério no Instituto Goiano de Educação, em Goiânia, 1964. Fiz o curso de Pedagogia na cidade de Ladário, às margens do Rio Paraguai, Corumbá.



Em 1967 fiz vestibular para o curso de direito e freqüentei dois anos, mas tive que trancá-lo e voltar a Poxoréu para ajudar minha mãe na educação do Rafael e jamais retornei aos estudos de direito.

No ano de 1970 fiz o CADES, cursos de formação de professores, especializando-me em geografia. Fiz outro curso de especialização na área de geografia, na cidade do Rio de Janeiro.

TRABALHO

Quando terminou o curso ginásial Raimunda retornou a Poxoréu e por algum tempo lecionou no curso de admissão. Faltavam professores, depois de suas andanças em busca de uma formação profissional, em 1968 foi nomeada professora no ginásio 7 de setembro, em 1969 prestou concurso para professora efetivou-se no quadro do



RAIMUNDA na Escola Cenequista em dia de Festa.

magistério do estado de Mato Grosso. Houve momento em que lecionou em três períodos escolares. Matutino, noturno e vespertino. Lecionou no Mobral (movimento brasileiro de alfabetização), na cadeia pública de Poxoréu, no período noturno. Deixou a sala de aula e foi para a delegacia regional de educação e cultura de Poxoréu- drec-14. Foi diretora da escola Cenecista (Cenec) da vila santa Terezinha. Trabalhou na secretaria Municipal de educação e cultura, bem como na secretaria de ação social nos governos do Lindberg e do Tonho do Menino Velho. Aposentou-se em 1984.

RAFAEL NA POLÍTICA

Em São Pedro, Rafael conheceu muito bem Luís Coelho de Campos, o Coronel Luisinho, que foi o primeiro prefeito de Poxoréu bem como sua esposa Leonor Sales Pernet de Campos a 1ª primeira Dama de Poxoréu. Foi nomeado no dia primeiro de janeiro de 1939, quando foi instalado o Município e empossado o primeiro prefeito.

Na tarde de 28 de junho de 1931, o prefeito de Cuiabá, o Bacharel Júlio Strubing Muller chegou à Vila de São Pedro a cavalo, liderando uma grande comitiva. Foi uma visita oficial.

Os anfitriões foram o casal Luís Coelho de Campos e Dona Leonor, Rafael Vieira Cellus e Dona Raimunda. O banquete oficial e as falas aconteceram na casa do Rafael.

Daquela data em diante Rafael e dona Raimunda tornara-se grandes amigos da família Muller e do Coronel Luisinho.

Foi através dele que Rafael se inscreveu no PSD, logo que o partido foi criado em 1945, por Getúlio Vargas. Quando Rafael se mudou para Poxoréu ainda era prefeito o Coronel Luisinho. Em 1943 foi nomeado o prefeito Rachid J. Mamed. “Meu pai, conta Mundica, tornou-se grande amigo de Rachid e com ele e outros, liderou o partido enquanto viveu. Em Poxoréu, a sua casa foi sempre a sede do PSD”.

O Dr. Eustásio de Barros Filho afirma: “Rafael Vieira Cellus foi em Poxoréu um cidadão extremamente respeitado. Estava sempre entrosado no que dizia respeito à sociedade. Político convicto embora não tenha se candidatado a nenhum cargo eletivo. Sem dúvida nenhuma foi um dos responsáveis mais atuantes na eleição de Antônio Félix, nas eleições de 1950.

Na sua casa ele reunia sempre a cúpula do PSD: Lió Baiano, Antônio Branco, Altino Matos, Frutuoso Brandão. Em casa ele já havia mandado confeccionar tamboretas com o assento de couro de boi e cada um ia chegando e pegando o seu e se assentando. Era uma roda de conversas animadas e discussões acirradas. Ali sempre se planejava os embates contra a UDN.

Rafael estava sempre entrosado ao movimento da cidade. Os enterros faziam parte de suas convicções. Não fazia distinção nenhuma. Desde o início da caminhada funeral, rumo ao cemitério lá estava ele. Sempre pegava a alça do caixão, mesmo que tivesse que fechar o seu comércio.

“Nos garimpos do Alcantilado correu muito sangue, mas Rafael com seu espírito conciliador e conhecidas convicções, sempre evitou a presença da polícia.

Rafael foi um cidadão solidário, sobretudo com os seus conterrâneos necessitados. Algumas vezes fretou o caminhão do Zezé de Oliveira para trazer famílias necessitadas da Bahia. Numa dessas Viagens trouxe as famílias do Antônio Açogueiro, da Pretina, da Felipa. Trazia mais de quarenta pessoas e quando aqui chegavam, ficavam em sua casa ou ele alugava outras casas para acolher aquela gente até que todos estivessem se arranchados.

Um cidadão que se casara com uma prima sua, andou batendo na mulher porque ela reclamou que ele andava traindo-a com uma mulher da Zona, que era sua amante. Rafael sabendo do sofrimento da prima nas mãos do marido enfureceu-se. Pegou uma “pinhola”, trançada de couro cru, pegou o chapéu, pôs na cabeça e saiu com a pinhola na mão e se dirigiu à Rua Bahia aonde residia a tal amante. Dona Raimunda, atenta decidida e corajosa, o fez voltar dizendo-lhe: não faça a coisa errada. A amante do seu parente sem vergonha não tem culpa, ele, sim.

MUNDICA E A POLÍTICA POXORENSE



**Antônio Rodrigues da Silva(ex-prefeito de Poxoréu),
Mundica e coordenadora da UNIVAG**

instalação do município de Poxoréu. Ela viveu, portanto, todos os acontecimentos políticos de Poxoréu, até os nossos dias. É testemunha de toda a história política de Poxoréu. Conheceu todos os prefeitos de Poxoréu. Três foram hóspedes em sua casa: Luís Coelho de Campos, Rachid J. Mamed, Lindberg Ribeiro Nunes Rocha. Em sua casa hospedaram-se Filinto e Júlio Muller.

Mundica afirma: “Antônio Félix que foi eleito pelo PSD, sob a liderança de seu pai Rafael, morreu de tétano enquanto governava, em 1951, quando extraiu um dente. Comentou-se na ocasião que Antônio Félix morreu a mando da UDN, mas o dentista foi Joaquim Teodoro da Silva, que era sobrinho do meu pai Rafael que era líder do PSD. O seu consultório era na esquina da Rua Goiás com a Praça da Liberdade, hoje ao lado da Casa Nery”.

A professora Raimunda vivenciou todo o processo político poxorense.

Quando a Poxoréu chegou em 1941 vindo do Alcantilado, governava Poxoréu o senhor Luís Coelho de Campos, o Coronel Luisinho, que fora nomeado no dia primeiro de janeiro de 1939. Raimunda nasceu seis meses e 14 dias após a



**Valdon Varjão (ex-Senador da
República, o primeiro negro,Escritor)**

Na casa de Rafael e Dona Raimunda, praticamente funcionava o diretório do PSD, sob a



Mundica, Huberto Bosaipo, (ex-deputado estadual, conselheiro do Tribunal de conta do Estado)

liderança de Rafael, Rachid Mamed, Antônio Branco, Amarílio Bento de Brito que era o chefe supremo do partido. Raimunda afirma: “O Diretório do PSD, ora se reunia na casa do meu pai, ora na casa de Amarílio. Outros cidadãos atuantes no PSD eram Altino Matos, Dr. João Andrade Figueiredo, os pingas (Vieira

da Silva), Santo Nery, Zé Nery, Alfredo Moreira. Os embates políticos em Poxoréu ficavam por conta do PSD e da UDN. Os líderes da UDN eram: João Freire, Joaquim Nunes Rocha, Prisco Menezes, Etelvino Lemes, Pié, (pai do Gerulino), Sátiro Bezerra, Joaquim Martins de Siqueira, Bitum, Antônio Chibiu, Vilebaldo Gomes de Jesus (Badim), Manoel Diós Silva, Justiniano Pereira (avô da Lena Guedes)



Mundica recebendo homenagem do cantor Moacir Franco, na noite de inauguração do Ginásio Cinquëntão



Inauguração do Ginásio Cinquëntão

A HISTÓRIA DA PESSOA ESTÁ ATRELADA À HISTÓRIA DA COMUNIDADE

Um estudo sucinto dos membros do núcleo familiar da professora Raimunda nos dará a dimensão desta realidade para a história do Município de Poxoréu.

Além disto, é importante perceber como nossos homenageados viveram os fatos que compõem a história de Poxoréu.

Ao traçarmos um pouco da história dos nossos homenageados vamos percebendo que a sua história está ligada à história de tantas outras pessoas e por conseguinte está atrelada à história do município, sobretudo no que diz respeito a ocupação do território e ao desenvolvimento econômico e sociocultural.

Félix José Cardoso pai biológico da professora Raimundo nossa homenageada era filho de Pai Velho (Clemente Messias Cardoso) que não veio para Mato Grosso e de Mãe Velha (Maria Messias Cardoso).

Os filhos de Pai Velho e Mãe Velha e que vieram para Mato Grosso são: Félix José Cardoso, Loza Messias (mãe de Dona Loza), Francisca Messias, Olímpia Messias (mãe de Dona Olímpia), a Fia, viúva do Valim de Alto Coité), Ricardo José Cardoso (Sogro do Pompílio), Maria Cândida Cardoso. (A Tia Cândida, figura fundamental na história de Alto Coité).

Estas pessoas formaram uma caravana de mais de 40 migrantes e no dia 14 de julho de 1939, dia em que nasceu a nossa homenageada e partiram da Bahia e rumaram para Mato Grosso. Destino, Poxoréu. Ponto de chegada para algumas famílias, Alto Coité.

A viagem foi longa e penosa. Algumas pessoas não resistiram e morreram na caminhada. Até fome, passaram.

Dona Loza dizia que ao deixar a Bahia acabara de completar 7 anos conta: “eu saí da Bahia montada na garupa de um burro que transportava a comida e um carote de água.

No segundo dia, o burro cismou e fugiu em disparada. Na corrida eu bati a boca no carote e quebrei um dente. Chorei muito e ninguém conseguiu me convencer de que a garupa do burro ainda era o meu melhor meio de transporte. Depois daquele episódio continuei a viagem a pé até Alto Coité. Foram seis meses de caminhada. Muitas vezes parávamos nas beiras dos rios para pescar a fim de amenizar a fome. Meu pai era um ótimo pescador. Às vezes era apenas o peixe com mandioca que matava a fome da gente. A mandioca encontrávamos nas fazendas e sítios da beira da estrada”.

O pai de Antônio do Gado morreu na estrada. O animador da caminhada era o Francisco, irmão do Trajano de Matos e pai do Ademar de Matos Silva (o Brucelose).

Filhos e netos de Pai Velho e Mãe Valha:

- 1- FÉLIX JOSÉ CARDOSO: Filhos - Manoel Messias Cardoso. Filhos de Manoel: Emanuel, Emilza, Vanderley, Adinaldo, Pedro, Félix, Amauri.

GRACIENE CARDOSO. Filhos de Graciene: Marcos, Júlio César, Maria Angélica.

RAFAEL DA SILVA CARDOSO. (SOLTEIRO)

HÉLIO DA SILVA CARDOSO. Filhos de Hélio: Félix, Adriana, Eliana.

ADI DA SILVA CARSO. Filha de Adi: Elizângela

- 2- FRANCISCA MESSIAS CARDOSO. Filhos de Francisca: Marcionília Soares Farias (Dinda), Onorina Soares (Lora – mãe do Dr. Eustásio de Barros Filho), Manoel Soares (pai do

Boi, da Iracema), Antônio Soares, Vicente Soares, Adelina Soares, José Soares, Olinda Soares

- 3- Filhos de Marcionila: Solange Soares Farias, Euclides Farias, Djalma Soares Farias (prof. Coco) Ronaldo Soares Farias.



Família de Marcionília (Dinda)



Dr. Eustázio e sua família

3 - OLÍMPIA MARIA DE JESUS

Filhos de Olímpia: Clemente José Cardoso, Maria de Jesus Cardoso, Aldany Cardoso, Verdelina Ramos de Souza(Fia), Elza Maria da Silva, Anízio José Cardoso, Valdomiro José Cardoso (Valdim).

Destacamos aqui a senhora Verdelina (a Fia), casada com o senhor Valdevino Ramos de Vasconcelos (Valim), primo de outro Valdevino Ramos de Vasconcelos, esposo de Dona Odete Vasconcelos. Dona Fia, ainda hoje reside no Distrito de Alto Coité e é mãe de: Elizabete Ramos; Tarley Ramos de Souza, Nilzete Ramos de Souza, Áurea Ramos de Souza, Antônio Carlos Ramos, formado em fisioterapia, exerce a profissão no Posto Municipal de Saúde Dr. João Andrade Figueiredo e no Hospital Maternidade São João Batista e foi eleito vereador nas eleições de 2012, pelo PDT, Maria Ramos Ximene, que foi vereadora em Poxoréu em 1996 e suplente em 2000.

4 – LOZA MESSIAS

5 – RICARDO JOSÉ CARDOSO. Filhos de Ricardo: Edésio Cardoso (o Médico) Elza Cardoso (esposa do Pompílio), Elsom Cardoso.

MARIA CÂNDIDA CARDOSO CARVALHO (Tia Cândida).
Filhos da Tia Cândida: Avany Carvalho, Edésio Cardoso Carvalho (o Agrônomo), José Cardoso Carvalho, Félix Cardoso Carvalho, Elza.



Tia Cândida e o seu bisneto Leandro

DONA LOSA

É interessante observar o quanto o núcleo familiar DE Pai velho e mãe Velha se multiplicou em



Poxoréu. É claro que o biógrafo da professora Mundica não vai aprofundar a pesquisa. Alguns exemplos para aclarar esta informação. Vejamos Dona Losa Euflazina Messias Pereira que é deste núcleo. Ela é filha de Manoel Messias dos Santos e Joana Messias dos

Santos. Os irmãos: Jose, Esterlina, Áurea. Casou-se com Antônio Francisco Pereira. Teve os seguintes filhos: José Messias Pereira, Suely, Terezinha, Maria, Marina Pereira, Manoel Messias (Nequinha), Elizabete, Isabel, Lindaura Pereira, Lindauro (Fulenga), Suleny (Nica), Antônio Messias Pereira (professor Tonho), Eliane Pereira Ormond, Marcos Paulo (maninho).

Dona Losa tem mais de 80 anos, 28 netos, 36 bisnetos e 3 tataranetos.

A FAMÍLIA:

MUNDICA MÃE:

A professora Raimunda não teve nenhum filho de seu casamento. Após terminar os seus



Rafael

estudos em Poxoréu um namorado Cunha de Souza. anos. Daquela Rafael Benedito no dia 18 de maio casou-se pela



Raquel

Goiânia, veio para acompanhada de chamado de Divino Com ele viveu 6 convivência nasceu Cardoso de Souza, de 1966. Rafael primeira vez com



Rafaelzinho

Auxiliadora Cardoso, com quem teve

os filhos, Raquel Cellus Cardoso e Rafael Cellus Cardoso

A Raquel já lhe deu a Elenice Ribeiro, o Tamires Ribeiro os netos: Antonio Eduarda.



Jonatan

Com a professora filho Pedro Henrique. Jonatan Souza Silva.

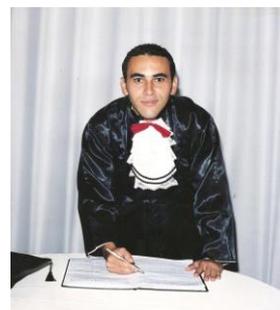
neta Izadora. Com Rafael teve a filha Cardoso que lhe deu Aurélio e Maria



Neide o Rafael teve o Casamento da Tamires (neta) Com Rose Resplandes, o Rafael teve o filho

Casou-se pela segunda vez com Elizangela Leite e com ela teve o filho João Guilherme.

A casa da Professora Raimunda esteve sempre aberta à pessoas que , por várias circunstâncias passaram uma boa temporada convivendo com ela: João Magro, Antonio Luis (Macaco), Zezão, Maria Rosa (Maria da Mundica), Valdec. Além do filho biológico, Mundica tem dois filhos adotivos. A Maria Rosa na temporada em que morou na Casa da Mundica engravidou e ainda lá estava, quando deu à luz o Tiago Souza Borges que jamais arredou pé de sua casa. Hoje é o Dr. Tiago formado em advocacia e exercendo a sua profissão.



Dr. Tiago (filho adotivo)

A Maria Luiza Pio dos Reis foi para a casa da Profª. Raimunda aos 7 anos. Casou-se com o Profº. Agnaldo Francisco da Luz e com ele teve o filho João Francisco. Separou-se do Professor e retornou a sua casa. Hoje aos 33 anos é formada em História e é funcionária pública municipal.



Maria Luiza (filha adotiva)



D. Raimunda, Ozana, Genésia e Mundica (4 anos)



Manoel Messias Cellus (irmão)



As irmãs: Floripes e Graciene



Adi Cardoso (irmão)



Floripes e Graciene



Mundica com João Francisco (neto) e Izadora (bisneta)





O Rafael é o terceiro agachado, a Néinha é a 1ª e a Geni a 3ª e a Arinê é a última (em pé). E os Outros quem são?? E a Professora, quem é?



Manoel Messias



Rafael e Floripes

REFLEXÕES DA MUNDICA

FAMÍLIAS ABASTADAS DE POXORÉU:

As famílias abastadas de Poxoréu, no auge da cata ao diamante sabiam usufruir do dinheiro que ganhavam em Poxoréu. Com freqüência visitavam as águas termais de Minas Gerais e São Paulo: Araxá, São Lourenço, São Pedro; o Rio de Janeiro era a cidade mais visitada.

Muitos jovens se formaram graças ao dinheiro abundante de muitos abastados, pelos endinheirados de Poxoréu. O Cassino da Urca era o ponto de encontro de muitos poxorenses, mesmo que lá não jogassem os carteados e as roletas.

Uberlândia, em Minas Gerais era a cidade que fornecia a maior parte dos produtos para Poxoréu, a partir do momento em que foi aberta a estrada ligando Cuiabá a Goiás, passando por Mutum, Poxoréu, Guiratinga, Alto Garça, Alto Araguaia e chegando ao Estado de Goiás, ao Estado de Minas Gerais. José Serralha, Francisco Serralha, Bagunça e Nego Amâncio eram os caminhoneiros mais freqüentes e famosos das décadas de 40 e 50.

Havia famílias que faziam longos cruzeiros, como Artur Farias e Dona Zenaide, que iam de lancha de Cuiabá a Corumbá e iam até Buenos Aires, na Argentina e depois de navio iam até o Rio de Janeiro e a Salvador.

OS SAPATOS eram fabricados em Poxoréu, para toda a população. O Genésio Sapateiro era especialista. Além de fabricar calçados de qualidade, enfeitava-os de acordo com à moda do Rio de Janeiro ou de Paris. Outros sapateiros eram o Cizinho e o Rafael Silva.

Na década de 40 os comerciantes mais conhecidos em Poxoréu eram: Rachid Mamed, Joaquim Coutinho, João Coutinho, Lió Baiano, (comerciante e pecuarista), Chico Coutinho, Rafael Vieira Cellus.

OS DONOS DE GARIMPOS:

Antônio Cândido da Silva, Gino Cardoso, que certamente teve o maior número de garimpeiros sob seu domínio, Luís Nascimento.

COMPRADORES DE DIAMANTE: Alcides Lago, Geraldo Grunvel- O Judeu, Manoel Silva, Altamirando Rocha, (pai da professora Alvair), Artur Farias.

O DIAMANTE CLUBE

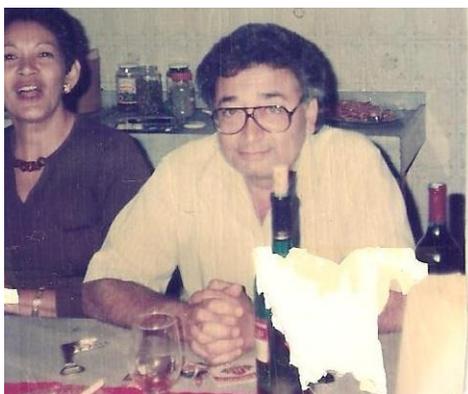
O Diamante Clube Sociedade Recreativa foi a invenção mais inteligente que se criou em Poxoréu, para atender ao divertimento e aos eventos sociais dos cidadãos que usufruíam de melhores condições econômicas. No início da década de cinqüenta, filhos de cidadãos abastados de Poxoréu foram estudar fora: Rio de Janeiro, São Paulo, Cuiabá, sobretudo no Liceu Salesiano São Gonçalo. Entre aqueles, cito João Francisco dos Anjos (Nego Rocha), Herbert Lemos, Gilbert Lemos (filhos de Etelvino Lemos), Edésio (médico cunhado de Pompílio), Edésio Cardoso (agrônomo, filho da dona Cândida de Alto Coité, Jota Alves (Pachequinho), Renato e Luracy do Vale, Zeile Rocha dos Anjos (Zilda Rocha), Levita Soares.

Ao Lado do Bar do Serafim na Rua Ceará havia uma república de estudantes. O Bar era o ponto de encontro dos estudantes que estudavam fora, quando vinham de férias.

Numa daquelas férias chega ao Bar do Serafim onde já estavam vários estudantes, Herbert Lemos com um jornal da cidade de Jundiaí, estado de São Paulo, trazendo uma reportagem sobre a Rainha da Uva, daquela cidade. João dos Anjos leu o artigo e disse: “por que não fazemos uma festa em Poxoréu e elegendemos uma Rainha do Diamante”. A idéia tornou-se realidade. O Diamante Clube foi inaugurado no dia 17 de fevereiro de 1952. Hoje, depois de muitos anos de abandono, o clube tenta se reerguer através sobretudo da professora Eva Mendes, Lena Guedes, a perspectiva 21, da professora Geralda.

Eu tenho respeito por todos os poxorenses e algumas família fizeram parte da minha vida, com intensidade. Mas uma família de maneira especialíssima a minha gratidão e o meu imenso respeito e admiração. Eu me refiro à família Carvalho do senhor Serafim Carvalho e Neuza Martins Bezerra Carvalho. Foram meus vizinhos na Rua Ceará. Além de amigos, deram-me de presente a oportunidade de vê-los criar Neuzinha, Norminha, Zoé e José, bem como a oportunidade de participar dos cuidados e na liberdade de amá-los como filhos de coração. A essa família a minha eterna gratidão. Ao povo de Poxoréu o meu abraço. Quero levar aos meus amigos de coração o meu abraço e a minha gratidão. E um agradecimento especial a UNIÃO POXORENSE DE ESCRITORES bem como ao prefeito Ronan Figueiredo Rocha por terem colocado o meu nome na lista dos homenageados de 2012.

MINHA CASA FOI UMA FESTA ENTRE AMIGOS



Luciana Dr. Nivaldo



Lindberg, Mundica, Chico Mamãe e Newton Pinto Lopes



Professores: João Tremura e Lígia Varela



As irmãs Laurita e Laurinda



Lígia, Maria Rodrigues e Mundica



Manoel do Julinho e Mundica : não é gula, é prazer



Charme é pra quem tem....



Dra. Valda expandindo alegria e o Professor João Tremura dançando um forrozinho básico



Luciana, Neuzinha e Serafim



Badin e sua família.



Não é gulodice não. É prazer, mesmo!



LAZER

Mundica teve os seus momentos de lazer fora do município de Poxoréu. Com seus pais adotivos fez passeios nas cidades que eram atração para os poxorenses abastados nas décadas de 40 me 50.



Hotel Tambaú em João Pessoa, Paraíba.



Entre amigos em Olinda, Pernambuco.



Dr^a. Levita, uma amiga e Raimunda no mar em João Pessoa.

FINALIZANDO

Esta é a história resumida da Prof^a. Raimunda Cardo da Silva e sua família. Muito mais poderíamos estar contando pois sua vida em Poxoréu, neste 72 anos foi muito mais intensa do que mostramos nestas páginas da UPENINA 2012.

O que faltou fica para outros historiadores contarem. Deixamos aqui a nossa admiração e os nossos respeitos por Mundica Rafael cellus e Dona Raimunda Cardoso e todos os baianos desta família que com galhardia e destemor muito contribuíram na construção da historia de Poxoréu.

Este texto foi elaborado com as informações fornecidas pela homenageada.

Autor: professor João de Souza

Colaboradores: Dayane Amanda Pereira de Campos 14 anos, estudante do 9º ano do ensino fundamental, neta da Professora Sulene.

Manoel Messias de Oliveira, técnico em informática, funcionário público.

